

Pena de Carvalho

A. Prado Lacerda *

Estávamos nos primeiros dias de Novembro do já distante ano de 1979. Proveniente do Hospital de Santa Maria, onde efectuara o Internato Geral, adquirindo por lá experiência clínica, de que ficara a memória do contacto enriquecedor com a eminente figura de internista que foi o Prof. Ducla Soares e do rigor fisiopatológico do pensamento clínico do Dr. Frederico Silveira Machado, **acabara de chegar ao Serviço de Medicina I** do Hospital dos Capuchos, para iniciar o Internato Complementar de Medicina Interna.

O hospital era uma realidade sociológica e científica totalmente diversa da anterior, herdeira da grande Escola Médica de Lisboa, sobre a qual o meu desconhecimento era quase total.

Esperavam-me duas personalidades totalmente distintas nos seus traços fisionómicos e estrutura intelectual – os Drs. Guilherme de Oliveira e Pena de Carvalho – que viriam a modelar em grande parte a minha personalidade de médica e também humana. A recepção foi indiciadora de uma concepção e postura de relacionamento diferente. «*Aquí somos todos médicos e colegas*» dir-me-ia, numa das primeiras conversas, Guilherme de Oliveira. Era a dimensão profissional rompendo as barreiras do convencionalismo e do formalismo prosaico, espraiando-se na grandeza da condição humana.

O decorrer dos anos iria ser testemunho desta dimensão humana tão própria e característica do Director de Serviço e subscrita pela generalidade dos seus colaboradores. Já na casa dos sessenta, Pena de Carvalho, seja-me permitida a liberdade de tratamento, que encerra em si toda uma atitude de respeito e reconhecimento, conservava, a par de uma boa frescura física, uma extraordinária vivacidade mental. Era senhor de uma sólida preparação clínica, a que não eram alheias a sua inteligência e curiosidade permanente em relação a todos os factos da vida, caldeada pelo contacto com uma brilhantíssima geração de médicos que cultivaram com relevo várias áreas da Medicina e que constituíram não só um momento único de grandeza da Medicina Portuguesa, como um autêntico escol da nossa cultura.

Nesse contacto enriquecedor iria alicerçar a construção do seu pensamento médico e cívico.

Oriundo de uma Escola de feição naturalista e positivista não fugiu às suas influências. Semiologicamente culto e senhor de um raciocínio notável, nunca renegou as raízes nem postergou as novas tecnologias que modi-



ficaram a face recente da Medicina, lançando-a por caminhos que brigam com todo o conhecimento, do experimental ao filosófico-metafísico, questionando-o visceralmente e transformando-a numa ciência global.

Sempre atento e modelarmente curioso e interessado, não se eximia, pese embora a estatura intelectual e posição hierárquica, de se dirigir a grupos de jovens internos que, ao acaso, travavam informais trocas de opinião: «*Contem-me do que estão a falar, vocês é que são novos, estudam e aprendem facilmente*».

Singela grandeza. Fio condutor da verdadeira dimensão recíproca da aprendizagem, razão de ser do ensino pós-graduado contínuo, de que os Internatos das Especialidades são verdadeiro paradigma e razão de ser dos serviços.

A sua dimensão de Homem e Cidadão assumiram uma nobreza inquestionável. Nascido na 1^a. República, bebeira nela os fundamentos que caracterizaram a sua personalidade republicana, de firme e indefectível amor à Democracia e Liberdade.

De trato fino, cortês e tolerante, interessado por todas as vertentes do fenómeno humano, a sua expressão sempre viva, mas serena, de olhos abertos à vida, qual menino fascinado, ganhava particular vibração afirmativa – os olhos cintilavam com especial fulgor, as mãos eram tomadas de um tremor frio e nervoso, a voz assumia particular força ressonante — sempre que eram postas em questão a Liberdade e a Dignidade, prerrogativas que se confundem com o próprio Homem.

Ao longo dos anos, ocasionais encontros permitiram manter viva a imagem construída durante o quotidiano do Internato por quem fora o seu último Interno. O tempo inexoravelmente ia vincando as suas marcas, mas o

*Assistente Graduado de Medicina Interna do Hospital de São Bernardo, Setúbal

espírito permanecia incólume. Vira-o a última vez no Hospital que fora nosso e a que acorríamos por motivos diferentes. Eu, a convite do actual Director do Serviço, Dr. Barros Veloso, para participar na inauguração das novas instalações. Pena de Carvalho, já em fase avançada da sua doença, para se submeter a um exame das novas tecnologias, que tão bem compreendera e enquadrara na clínica.

A mesma singular nobreza de sempre. Conhecedor da situação que o afectava, dela fez correcta descrição

clínica, com os pormenores que gostava de cultivar e a que transmitia especial sabor.

Passou pelos Hospitais Civis de Lisboa e pela Medicina sem ter atingido, porventura, o peso institucional nem fruído de uma clínica privada que outras figuras tiveram e possuíram. A sua personalidade viva, curiosa, irrequieta, racional e coerente não se compadecia com *lobbies* e estruturas de poder. Cultivou a Medicina pela Medicina e a Medicina pelo Homem.

* * *

Nota da Direcção: Companheiro durante 15 anos do Dr. Pena de Carvalho, no Serviço 1 do Hospital dos Capuchos, também eu gostaria de deixar aqui o meu testemunho acerca de um homem fora de série que só por excesso de simplicidade ou por falta de ambição passou injustamente despercebido, quando merecia ter ocupado um lugar cimeiro no panorama médico português. Aquilo que sempre pensei dele ficou sintetizado num texto que publiquei no *Boletim dos H.C.L.* quando da sua passagem à reforma e do qual me atrevo a transcre-

ver dois pequenos fragmentos:

«No dia 25 de Novembro de 1985 completou 70 anos o Dr. Vítor Serra Pena de Carvalho. Sai, assim, da cena da Medicina portuguesa um homem no qual se encontram misturados, em doses sabiamente calculadas, a simplicidade, a inteligência, a cultura, o *charme*, o humor e a competência profissional. (...) Ao aposentar-se, cria uma vaga difícil de preencher e entra, para sempre, na galeria dos notáveis dos H.C.L.»

A. J. Barros Veloso